

Câmara Municipal de Osasco CONSTITUINTE



João Paulo Cunha: explicações e dúvidas.

Vereador Tonco Falsete: idéia de abrir a discussão.



Rosa Martins (PT): prestígio.

Uma aula para alunos de Osasco: o que é Constituinte?



As estudantes: perguntas duras.



Nas escolas, mais interesse.

Voz pausada, o vereador João Paulo Cunha, uma estrelinha vermelha pregada na camisa, segura o microfone e em poucas palavras esclarece para aproximadamente 200 alunos a dúvida que é de quase todos: o que é uma Assembléia Nacional Constituinte. A maioria da plateia tem entre 17 e 20 anos, está cursando o segundo grau, preparando-se para enfrentar um vestibular, trabalhando de dia e estudando à noite, e com raras exceções sabe apenas que Constituinte é uma palavra que está nos jornais.

Os alunos para os quais o vereador João Paulo Cunha, do PT, e mais outros cinco vereadores da Câmara Municipal de Osasco (do PMDB, do PDS e sem partido) se dirigiram na noite de quarta-feira passada estudam numa escola particular — Colégio Haia — no centro da cidade. As perguntas e dúvidas de todos que assistiram àquela discussão sobre o papel da Constituinte não foram muito diferentes das que foram feitas por pais de alunos e moradores de um bairro da periferia de Osasco uma semana antes, quando o grupo de vereadores foi conversar sobre o mesmo assunto. "Qual a diferença entre Constituinte e Constituição?" "Como serão escolhidos os representantes da Constituinte?" "A Constituinte irá acabar com a corrupção existente no País?"

As discussões no Congresso, a Emenda Sarney são questões distantes, desconhecidas para quem tem freqüentado os primeiros debates propostos pela Câmara Municipal de Osasco. "O povo mesmo ainda está no bê-a-bá em termos de Constituinte", descobriu o vereador Antônio Carlos Tonco Falsete, presidente da Câmara e um dos organizadores do projeto de debater a Constituinte com a população da cidade.

Participação maior

A idéia surgiu num encontro de vereadores da região Oeste, quando eles próprios, como políticos, perceberam que estavam afastados da discussão da Constituinte. Chegaram à conclusão de que era um erro e descobriram uma maneira de participar: discutir com a população, com o eleitorado, o que estava mudando no País. No começo do ano, alguns vereadores já tinham convidado políticos como Jânio Quadros, Almino Afonso e Ademar de Barros Filho para falar da Constituinte na Câmara de Osasco. Mas não foi o sucesso esperado. "Percebemos que a plateia, cada vez que um desses políticos falava, era composta na maior parte de correligionários. Não havia povo", conta o vereador Tonco, do PMDB. Daí surgiu a idéia de "levar a Câmara Municipal aos bairros".

Uma vez por semana, os vereadores escolhem uma escola de algum bairro da cidade, montam um tablado, hasteiam as bandeiras brasileira, paulista e de Osasco e iniciam mais uma "sessão especial" da Câmara para debater a Constituinte.

"É para manter o ritual", explica o vereador Tonco Falsete, contando a reação do primeiro grupo de pessoas que participou do debate, no começo do mês, numa escola no Jardim Roberto, bairro mais distante da cidade. "Muitos viram o convite com cerimônia. E percebemos até mesmo professores e pais de alunos que se arrumaram como se fossem para uma festa ou uma solenidade."

O segundo debate, promovido na semana passada, foi mais informal. O presidente da Câmara acredita que com a divulgação da idéia (foram distribuídos 700 cartazes pela cidade) o público tenderá a crescer. Os vereadores pretendem realizar esses debates com a população uma vez por semana até a eleição da Constituinte. Em pouco mais de um ano eles querem conversar com o maior número possível de pessoas em Osasco, que conta hoje com cerca de 700 mil habitantes e 280 mil eleitores. Existe também a idéia de se lançar uma cartilha sobre Constituinte e até a sugestão de levar o debate a um circo muito popular na região.

Por enquanto, por ser um tema de interesse de todos, não há discordância entre os 19 vereadores que

compõem a Câmara de Osasco: sete do PMDB, cinco do PDS em fase de transição para outros partidos, cinco do PTB e dois do PT. O prefeito Humberto Carlos Parro, do PMDB, também não tem restrições. Mas os vereadores fazem questão de levar o projeto sozinhos. A maioria tem interesse de participar dos debates por questões políticas pessoais também, é claro. Quase todos são novatos na vida pública, estão cumprindo o primeiro mandato e sonham em se tornarem conhecidos para disputar uma vaga na Assembléia Legislativa no próximo ano.

Os vereadores Antônio Carlos Tonco Falsete do PMDB; Antônio Moraes, do PTB, e Rosa Lopes Martins (PT) acreditam também que os debates servem para fortalecer a Câmara, que tem pouco prestígio. Por consequência, eles se fortalecem. A falta de credibilidade da população no trabalho dos políticos apareceu nos dois debates, mas perguntas que os vereadores ouviram de jovens, feitas por escrito e sem identificação: "Como podemos escolher nossos deputados e senadores sendo que até hoje em nosso país os políticos fazem muitas promessas mas, depois das eleições, querem é se arrumar na vida?" "Por que o político eleito se esconde do povo e só volta a procurá-lo na eleição seguinte?" "O que vocês fazem para merecer esse enorme salário que ganham?"

Desinformação

Não é apenas a desconfiança. No debate do Colégio Haia, os alu-

nos, de classe média, aproveitaram para perguntar aos vereadores sobre questões do dia-a-dia mostradas nos noticiários de televisão e jornais e saber até que ponto uma Constituição nova irá resolver o problema da dívida externa, da inflação, da criminalidade. Queriam saber o que irá mudar para a juventude. Os vereadores procuraram insistir em quatro pontos numa apresentação rápida do debate: que a Constituinte não irá resolver todos os males do País, que é importante os jovens se interessarem por política, para estarem alertas para quem irão votar, porque haverá muitos candidatos representando interesses diversos, e que o ideal seria se a Constituinte fosse livremente eleita, independente das eleições do Congresso.

Saíram satisfeitos depois de duas horas de discussão com estudantes como Miriam Melo, 19 anos, recepcionista e aluna da segunda série do segundo grau; Solange Marques de Souza, 19 anos, auxiliar de escritório e que agora irá prestar vestibular para Psicologia; André Luís Novalto, 17 anos, técnico de processamento de dados e na segunda série do segundo grau, e Vladimir Matos, 20 anos, bancário e também vestibulando de Psicologia. Todos eles sabiam apenas, antes da palestra, que Constituição é um conjunto de leis que regem o País.

Constituinte? Eles só tinham "ouvido falar".

Vera Cecília Dantas